

Olhar sagaz de Lenine Póvoas sobre a influência do Rio da Prata em Mato Grosso

Rosana Lia Ravache⁹

O advogado, professor e historiador Lenine de Campos Póvoas (1921-2007) retratou, como muito poucos, a cultura e a história do seu povo.

Cuiabano de “*tchapa e cruz*”, era filho da professora Rosa de Campos Póvoas e do professor e linguista Nilo Póvoas. Fez toda a sua formação básica em Cuiabá e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1945.

Considerado como um dos grandes historiadores de Mato Grosso, Lenine de Campos Póvoas integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, datando seu ingresso como sócio efetivo aos 7 de março de 1950. Foi membro e presidiu por dez anos (1981-1991) a Academia Mato-Grossense de Letras, onde ocupou a cadeira n. 33, antes ocupada por Nicolau Fragelli, cujo patrono é Mariano Ramos,

Desde 1947, ele exerceu vários cargos públicos mantendo, durante toda a sua vida um especial interesse em pesquisar a geografia, a história e a cultura mato-grossense, por sempre ter considerado muito importante deixar um legado nestas áreas, para que a juventude conhecesse a geografia e a história da região onde vivia..

João Carlos Vicente Ferreira lembra que a sua contribuição foi tão importante, que daqui a 100 anos, quem for pesquisar sobre a história dos portugueses e italianos em Mato Grosso irá, com certeza, se deparar com a obra de Lenine Póvoas, de imprescindível leitura.

⁹ Doutora em Geografia Humana e professora na Graduação e Mestrado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo do Univag Centro Universitário.

Para a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, ele inovou, pois colocou em sua obra aspectos inéditos na história mato-grossense, como a relação de Mato Grosso com o estuário do Prata.

Conforme a jornalista, escritora, historiadora e mestre em História, Neila Barreto, “Sua vida pública é vastíssima e cheia de elogios. Não se ateve apenas ao universo do Direito. Atendeu aos anseios literários e de educador. Durante a sua vida sempre enveredou pelos caminhos das letras e da produção intelectual” (<https://www.aimprensadecuiaba.com.br/opiniaio/29-de-janeiro-lembra-lenine-de-campos-povoas/3750>).

As obras de Lenine Póvoas fazem parte de praticamente todos os trabalhos acadêmicos, pois suas pesquisas resultaram numa vasta produção literária abrangendo história, geografia, administração, economia, imprensa, arquitetura e imigração.

Como afirma Olga Maria Castrillon-Mendes em suas “*Notas sobre História da Cultura Mato-grossense*”, uma das obras mais citadas nos trabalhos acadêmicos sobre Mato Grosso:

Na obra (de Póvoas) estão traçadas as matrizes culturais do Estado. Desde as primeiras manifestações de cronistas e de viajantes naturalistas, passando por instituições de ensino, de divulgação e de produção popular, até o advento do rádio, da televisão, da Universidade Federal e de órgãos culturais subvencionados pelo Estado, num momento em que o poder público mantinha vivo interesse pelo patrimônio cultural e homens como Lenine Póvoas, administravam setores da cultura com a paixão telúrica e o espírito da polis como consciência que rege a comunidade humana¹⁰.

Seu legado literário é uma declaração explícita de amor à terra onde nasceu, e os seus textos confessam em cuiabanês legítimo, a cultura que só o olhar sagaz de um bom observador pode perceber.

10 Fonte: <http://www2.unemat.br/literaturamt/livro-olga.htm>.

Em 1982, escreveu um ensaio intitulado “*Influências do Rio da Prata em Mato Grosso*” com a ideia de resgatar épocas passadas de Mato Grosso. Ele mesmo diz, antes da introdução de seu ensaio, que:

Este ensaio não tem outro objetivo senão contribuir, de alguma forma, para avivar a nossa memória histórica, registrando fatos que, com o perpassar dos anos e em virtude das rápidas transformações que ocorrem na sociedade mato-grossense, já vão-se esfumando na névoa do tempo. Pela posição geográfica e pelas características especiais do seu território, Mato Grosso tornou-se uma confluência de civilizações e esse fato não pode e não deve ser esquecido. Já o estava sendo. Daí o porquê destas páginas. (1982, p. 10).

No seu texto, ele vai buscar a importância dos Rios Paraná, Paraguai e Uruguai, que formam a bacia do Prata, enfatizando que o Paraná e o Paraguai nascem em território que pertencia à capitania de Mato Grosso e, por serem navegáveis, aproximaram muito os países da região do Prata com Mato Grosso, miscigenando as culturas e influenciando os costumes bilateralmente.

Em sua “viagem pelo tempo”, Póvoas consegue explicar em poucas palavras a criação de duas das principais cidades do Cone Sul, Buenos Aires (1536) e Assunção (1537), e remonta o esforço dos bandeirantes paulistas que, com a disposição de prear índios, iniciavam a viagem pelo Rio Tietê, chegando ao Rio Paraná e, depois de encontrar a foz do rio Pardo, passaram para um dos afluentes do Rio Paraguai e depois, pelo rio Paraguai, até chegarem ao Rio Cuiabá, pelo qual navegavam até o local onde hoje se encontra a cidade de Cuiabá (1719), a capital do estado de Mato Grosso.

Antônio Pires de Campos, por este percurso, foi o primeiro a explorar a região da “baixada cuiabana” (1718) e precisou combater os índios Coxiponé. Já Pascoal Moreira Cabral (1719) seguiu até a barra do Rio Coxipo-Mirim e ali construiu um acampamento no lugar onde foi descoberto o ouro, as Lavras do Sutil, que deu origem à atual Cuiabá.

Como coloca Póvoas, “os mais antigos núcleos de população de Mato Grosso surgiram em função desses rios da bacia platina, às suas margens ou em sua zona de influência” (*Ibidem*, p. 13).

No seu ensaio, ele nos conta sobre a importância do Rio da Prata que, mesmo sendo chamado de rio, é um estuário criado pelo desague das águas dos Rios Paraná e Uruguai, no ponto onde ambos deságuam no Oceano Atlântico e ali formam, sobre a costa atlântica da América do Sul, um entalhe triangular de 290 quilômetros de largura.

A bacia hidrográfica composta pelo Rio da Prata e seus afluentes (os Rios Lujan, Matanza, Samborombón e Salado do Sul) possui uma superfície de aproximadamente 3.200 000 km². É a segunda maior bacia hidrográfica que existe na América do Sul e a quarta maior do mundo, também chamada de Bacia Platina, e todos os principais rios que a formam banham, além do Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai.

Por ser uma das maiores bacias hidrográficas do mundo, ela é responsável por cerca de 60,9% de toda a instalação hidroelétrica brasileira e nela foram construídas usinas hidroelétricas responsáveis pela geração de energia elétrica para todo o Brasil e para alguns países vizinhos.

A história de Mato Grosso está estreitamente ligada a esta bacia, na medida que, como afirma Póvoas (1982), “Todas as cidades ao longo desse imenso vale passaram a viver da navegação fluvial que vinha, desde Montevideú, no Rio da Prata, às portas do Atlântico, até Cuiabá, o ponto mais remoto, sertão adentro” (*Ibidem*, p. 13).

O Estuário do Rio da Prata foi também palco de conflitos entre as nações fronteiriças a ele. A livre navegação do rio era o objetivo do Império do Brasil e do Uruguai, contrariando os interesses das Províncias Unidas do Rio da Prata (atual Argentina) e do Paraguai. Isso gerou diversos conflitos entre os estados após sua independência. Para o Brasil, significaria bloquear suas comunicações com a província

de Mato Grosso e um perigo para as suas fronteiras. Esses conflitos culminaram na maior guerra da América Latina pelo número de soldados mobilizados, pelos armamentos, pelo número de mortos e pela duração (1864 a 1870); a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Este evento colocou Mato Grosso numa posição estratégica e foi nesta época que o governo imperial brasileiro passou a pensar em Mato Grosso como parte importante do território nacional e, como coloca Póvoas (1982, p. 13), *“a navegação atingiu um ritmo tal que vê hoje esses rios votados ao abandono em que se encontram, dificilmente poderá acreditar”*.

Foi com os textos de Lenine de Campos Póvoas que visitei o passado histórico de Mato Grosso, quando escrevi a dissertação de mestrado *“Um Estudo de Caso do Bairro do Porto”* e com ele aprendi a admirar esta terra, sua gente e sua história.

O profundo conhecimento que tinha em relação ao passado histórico de Mato Grosso remete seu ensaio para a navegação fluvial, como principal artéria de comunicação entre a Capital da Província e os países do Cone Sul.

Com uma desenvoltura ímpar, descreve o ir-e-vir dos navios trazendo homens de negócio, luxo e moda para a população e moradias da Cuiabá até pouco tempo considerada um ponto remoto pelo sertão adentro.

Como relata Póvoas (1982, p. 17), *“as saídas eram semanais, nos dois sentidos, com dias certos e em combinação com os luxuosos navios da linha Assunção – Buenos Aires”*.

Graças aos membros das tripulações, compostas por argentinos, paraguaios e uruguaaios, além do intenso intercâmbio comercial que incentivou a vinda de estrangeiros para Cuiabá, a cidade herdou muitos nomes italianos, espanhóis e latino-americanos que estão vivos na sociedade mato-grossense até os dias de hoje.

Este estreito intercâmbio, também influenciou os hábitos das populações de Cuiabá e Corumbá, que não escaparam

à perspicácia do olhar de Póvoas. Sentar-se à porta das casas para “jogar conversa fora” ou “colocar as novidades em dia”, encontros quase impossíveis de se ver hoje, mostram o quanto as pessoas estão sendo empurradas pela falta de tempo. A cochiladinha depois do almoço, verdadeira instituição paraguaia, se instituiu também na baixada cuiabana e no Pantanal.

O truco, a bocha e tantos outros entretenimentos herdados de outras terras, não escaparam do observador arguto que usou, inclusive, palavras praticamente desconhecidas em nosso linguajar atual, como coalheira (hora de calor mais intenso) ou lindeira (limite) para definir mais especificamente os fragmentos de um tempo que também deixou marcas e sinais na sociedade de agora, sem que a maioria sequer saiba sua origem.

O relato sobre os castigos corporais sofridos pelos “camaradas” (trabalhadores braçais de pequenas usinas de açúcar da região de “Rio Abaixo”¹¹, remete o leitor para um tempo em que o “tronco”¹², ou o “cepo” tipo de tortura, copiado do Uruguai,¹³ eram utilizados nas fazendas.

Uma das observações mais interessantes de Póvoas foi quanto à influência dos castelhanos na linguagem. Por incrível que pareça, este linguajar, ironizado por alguns, talvez seja um dos maiores patrimônios da cultura do “falar cuiabano”.

O *tch* tem relação com o *tch* regional do Norte de Portugal, de alguma forma foi adotado em praticamente toda a província de São Paulo, e chegou a Mato Grosso com os bandeirantes. No entanto, quando no linguajar tradicional se pronuncia *tchacra* e não *chácara*, já se percebe a forte influência espanhola, como bem explica Póvoas, assim como

11 Parte do Rio Cuiabá a jusante da capital.

12 Pranchas sobre as quais eram deitadas as vítimas, com penas e braços e ali eram deixadas por dois dias sem comer nem beber nada.

13 Sentavam o torturado no chão, com os pés e as mãos amarradas e colocavam uma sobrecarga sobre o seu pescoço, cujo peso o obrigava a curvar a cabeça até o solo causando uma dor terrível.

a palavra *chalana* define uma embarcação de madeira que transportava passageiros, e tantas outras citadas por ele, fica retido na lembrança dos jovens, seu principal propósito ao escrever este ensaio.

Ele deixou para o final um dos capítulos mais importantes da história de Cuiabá e de Mato Grosso: a arquitetura. Não escapou do seu olhar as formas, cores, os materiais (alguns que praticamente não existem mais), a influência portuguesa marcada pelas suas janelas retangulares e caixilhos coloridos, aos moldes das aldeias de Trás-os-Montes. Muito menos a chegada de espanhóis e italianos que trouxeram novas inspirações para a arquitetura em Mato Grosso.

Foi nesta época que os beirais portugueses começaram a ser substituídos pelas platibandas, e os casarões pelos palacetes com arcos mouriscos e vidros coloridos passaram a ter janelas com sacadas.

O mosaico, ou ladrilho hidráulico colorido passou a ocupar o piso das casas, tanto em Cuiabá como em Corumbá.

Do percurso que Póvoas nos proporciona pela Cuiabá antiga, pouca coisa resta destas construções que receberam famílias e lojas comerciais famosas. Lentamente, o próprio centro histórico, com toda a riqueza arquitetônica do seu passado, foi desabando a olhos vistos, como consequência do desinteresse em a nossa história.

À Lenine Póvoas, meu profundo respeito pela sua pesquisa e pelo seu legado.

Referências

PÓVOAS, Lenine C. *História da cultura mato-grossense*. Cuiabá: 1994.

_____. *História Geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do império*, volume 1, Cuiabá: L.C. Povoas, 1995.

_____. *História Geral de Mato Grosso: da Proclamação da República aos dias atuais*, volume 2, Parte 1. Cuiabá: L.C. Povoas, 1995.

_____. *Influências do Rio da Prata em Mato Grosso* (ensaio). Cuiabá, 1982.

_____. *Sobrados e Casas Senhoriais de Cuiabá*. Cuiabá, MT, Fundação Cultural de Mato Grosso, 1980.